

Ilustração do demônio Garuda por Louis Le Breton, gravada por M. Jarrault (*Dictionnaire Infernal*, 1863). Arte de domínio público. Composição visual remixada.

DOI: 10.53981/destrocos.v6i1.55302
ARTIGOS

NOTAS PARA UMA ANÁLISE NÃO-SUBJETIVISTA DA SUBJETIVIDADE: DE MICHEL PÊCHEUX A JACQUELINE AUTHIER-REVUZ*†

Ricardo Bibiano
Université Paris Est-Créteil, CEDITEC; Université Paris Nanterre, MoDyCo; EUR FRAPP, Paris, França

Resumo
Este artigo apresenta a análise discursiva de um *corpus* em língua inglesa que contém cinco relatos de si [*récits de soi*] coletados em fontes públicas de pessoas que vivenciaram um processo terapêutico de reorientação sexual em contexto estadunidense. Propõe-se realizar uma análise não-subjetivista da subjetividade a partir de fundamentos epistemológicos e metodológicos da análise do discurso (AD) de Michel Pêcheux e da linguística enunciativa de Jacqueline Authier-Revuz. Discute-se a articulação entre língua, sujeito e ideologia, o papel do interdiscurso e do pré-construído no trabalho de análise de M. Pêcheux e a teoria das *não-coincidências do dizer* de J. Authier-Revuz, com ênfase nas formas de modalização autonímica. Os resultados desta experiência de análise linguística não-subjetivista atestam a pertinência da articulação entre a AD de M. Pêcheux e a linguística enunciativa de J. Authier-Revuz, revelam a inscrição dessas pessoas em um mesmo dispositivo sócio-histórico e, por meio de evidências no interdiscurso encontradas a partir de pré-construídos, identificam marcas de subjetividade que quase sempre não são contestadas nas modalizações autonímicas.

Palavras-chave
Pêcheux, Authier-Revuz, análise do discurso francesa, linguística enunciativa..

NOTES FOR A NON-SUBJECTIVIST ANALYSIS OF SUBJECTIVITY: FROM MICHEL PÊCHEUX TO JACQUELINE AUTHIER-REVUZ

Abstract
This article presents a discursive analysis of a *corpus* in English that contains five self-narratives [*récits de soi*] collected from public sources of individuals who underwent a process of conversion therapy in a U.S. context. It aims to conduct a non-subjectivist analysis of subjectivity based on the epistemological and methodological foundations of French Discourse Analysis (AD) by Michel Pêcheux and the enunciative linguistics of Jacqueline Authier-Revuz. It discusses the articulation between language, subject, and ideology, the role of interdiscourse and the pre-constructed in the analytical work of M. Pêcheux, and the theory of *non-coincidences in saying* by J. Authier-Revuz, focusing on forms of autonomic modalization. The results of this non-subjectivist linguistic analysis demonstrate the articulation's relevance between M. Pêcheux's FDA and J. Authier-Revuz's enunciative linguistics, revealing these individuals' inscription in the same socio-historical device, and, through evidence in interdiscourse and pre-constructed elements, identify marks of subjectivity that are almost always not contested in autonomic modalizations.

Keywords
Pêcheux, Authier-Revuz, French discourse analysis, Enunciative linguistics.

Submetido em: 15/10/2024
Aceito em: 22/11/2024
Publicado em: 30/01/2025

Como citar: BIBIANO, Ricardo. Notas para uma análise não-subjetivista da subjetividade: de Michel Pêcheux a Jacqueline Authier-Revuz. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. e55302, jan./jul. 2025.

Este trabalho está licenciado sob uma licença *Creative Commons Attribution 4.0*.

* Pesquisa realizada em 2023 e 2024 com o financiamento da Bolsa ao mérito Victor Hugo da *Université de Franche-Comté* em parceria com a *Grand Besançon Métropole* e com a *Région Bourgogne-Franche-Comté*. De 2024 a 2027, a pesquisa conta com o financiamento da EUR FRAPP (ANR-18-EURE-0015 FRAPP).
† Artigo submetido em versão bilíngue (francês-português), com tradução realizada pelo próprio autor.

Introdução

Entre 2023 e 2024,[1] realizou-se uma investigação acadêmica a respeito de relatos em primeira pessoa de indivíduos que atravessaram um processo psicoterapêutico com o intuito de provocar uma mudança de orientação sexual (reorientação sexual). A partir de uma seleção de relatos de si [*récits de soi*] coletados de fontes públicas, constituiu-se um *corpus* de depoimentos em língua inglesa de indivíduos em ambiente anglo-saxão (*cf*. 3.1), que foi submetido a uma análise de natureza discursiva, ancorada principalmente na tradição teórica da linguística francesa, cujos exteriores filosóficos, semióticos e psicanalíticos participaram ativamente na construção do dispositivo teórico de análise. Para este artigo, selecionaram-se cinco depoimentos e recortaram-se alguns elementos teórico-metodológicos utilizados na análise, a fim de demonstrar a viabilidade de um estudo não-subjetivista que evidencia as marcas de subjetividade dos sujeitos falantes em uma investigação de viés linguístico-discursiva.

Tal arcabouço e possibilidade analítica se fundamentam em uma escolha teórica que reúne, por um lado, a análise do discurso, proposta por Michel Pêcheux, e, por outro, a linguística enunciativa, tal qual elaborada por Jacqueline Authier-Revuz. Com base nessas teorias e em suas implicações em epistemologia, propôs-se um aparato de leitura que considera o movimento dos sujeitos no fio dos enunciados como afetado pela língua e por seus exteriores históricos, ideológicos e discursivos, cujo foco recai sobre as formas linguísticas que revelam pré-construídos e modalizações do dizer – a partir das quais se pode estudar a construção da subjetividade. Nesses termos, as opções teóricas deste estudo recusam a noção de sujeito psicológico e assumem a constituição do sujeito em sistemas simbólicos que o antecedem.

Para apresentar o percurso teórico-metodológico e a aplicação analítica, além desta introdução, este artigo se estrutura em quatro partes. Primeiramente, examina-se a análise do discurso de M. Pêcheux, delimitando-se as noções de discurso, ideologia e língua. Na sequência, discutem-se os pressupostos teóricos da linguística enunciativa de J. Authier-Revuz, com atenção especial à teoria das *não-coincidências do dizer* e às modalizações autonímicas. Na terceira parte, apresenta-se e realiza-se a aplicação técnica da análise, na qual se enquadraram pré-construídos e modalizações autonímicas encontrados nos relatos. Os resultados deste estudo apontam para evidências discursivas não-subjetivistas da inscrição desses indivíduos no interior de um mesmo dispositivo sócio-histórico, no qual se moldam e se formam contornos de subjetividade e a partir do qual se negociam novas significações.

[1] A pesquisa foi realizada sob a direção de Sandra Nossik e contou com o apoio financeiro da Bolsa de excelência Victor Hugo da *Université de Franche-Comté*, do *Grand Besançon Métropole* e da *Région Bourgogne-Franche-Comté*.

1. Fundamentos epistemológicos de uma teoria não-subjetivista da subjetividade: da Análise do discurso ao conceito de sujeito em Michel Pêcheux

Disciplina autônoma no campo das ciências humanas e sociais, a Análise do Discurso (doravante AD) despontou no âmbito da linguística como efeito de acontecimentos político-teóricos de uma França estruturalista no final da década de 1960, na forma de "um aparato conceitual robusto e rigoroso, emanando de um 'intelectual coletivo' conduzido pela figura singular de [Michel] Pêcheux".[2] Arrimada por uma ruptura medular às teorias linguísticas que lhe eram contemporâneas e cuja prática desembocava em "um retorno ao empirismo em semântica",[3] a AD se configurou estrutural e metodologicamente a partir de uma posição de obediência saussuriana – a saber, "que, do ponto de vista linguístico, o valor domina a significação" –,[4] no contexto do "antipsicologismo defendido por Lacan, [da] sua crítica radical à representação de um sujeito psicológico, [que] sustenta assim um anti-humanismo, cujo principal teórico, no âmbito do marxismo, é Althusser".[5]

O gesto de M. Pêcheux de repensar os conceitos de ideologia, discurso, sujeito e língua no horizonte epistemológico do materialismo histórico e da linguística estrutural em 1975, em *Les Vérités de la Palice*, provocou um efeito em si contraditório: o esvaziamento do caráter empírico-idealista desses conceitos não permitiu delimitá-los e enquadrá-los na práxis, mas pôs à vista a heterogeneidade que lhes constitui e que lhes alicerça a existência. O que se recusou, logo, foi "toda pretensão do pensamento de se fundar por si mesmo, pelos únicos recursos de uma potência interior que testemunharia sua autonomia",[6] em um movimento indissociável de três posições teóricas: "(i) a contestação do sujeito psicológico, fonte intencional de uma fala da qual ele seria capaz de representar o sentido",[7] a necessidade de "(ii) um pensamento do discurso arrimado ao fato da língua",[8] e a importância acordada à "(iii) dimensão operatória reivindicada teoricamente".[9] Contudo, cabe ressaltar que, se M. Pêcheux filiou-se à leitura estruturalista do materialismo de K. Marx e da psicanálise de S. Freud, sua adesão não foi acrítica. Tratou-se de coadunar um ataque "a essa ilusão aureolada de um nome prestigioso: à ilusão da consciência de si",[10] sem jamais ceder quanto à recusa "a um método universal 'de análise geral do espírito humano' [...]. Seu 'estruturalismo' não será dessa espécie".[11]

A AD tornou-se, em consequência, o ponto nodal da articulação entre discurso, ideologia e inconsciente em uma relação tensionada a partir do conceito saussuriano de língua "como 'sistema abstrato de distintividades', cujas regras de 'funcionamento' [...]

[2] Paveau, *Discours et matérialisme*, s/p., tradução nossa.
[3] Pêcheux, *Les vérités de la Palice*, p. 55, tradução nossa.
[4] Haroche; Henry; Pêcheux, *La sémantique et la coupure saussurienne*, p. 96, tradução nossa.
[5] Gillot, *Althusser et la psychanalyse*, p. 29, tradução nossa.
[6] Legrand; Sibertin-Blanc, *Introduction générale*, p. 4, tradução nossa.
[7] Authier-Revuz, *La représentation du discours autre*, p. 395, tradução nossa.
[8] Authier-Revuz, *La représentation du discours autre,* p. 396, tradução nossa.
[9] Authier-Revuz, *La représentation du discours autre*, p. 397, tradução nossa.
[10] Ricœur, *Existence et herméneutique*, p. 210, tradução nossa.
[11] Maldidier, *L'inquiétude du discours*, p. 21, tradução nossa.

podem ser descritas independentemente de seus usos, como uma 'ordem própria' que se impõe ao locutor",[12] culminando na concatenação de dispositivos – "termo caro a Pêcheux – que colocam as propostas teóricas à prova das materialidades linguageiras".[13] Para compreender esse projeto disciplinar, é preciso retomar um dos fundamentos da operação que M. Pêcheux realizou: "o sistema da *língua* é bem o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe. Não resulta, no entanto, que esses diversos personagens terão o mesmo *discurso*".[14] Deriva-se daí um constato fundamental: sendo impossível reduzir a língua à ideologia ou ao discursivo, pois "a materialidade da língua, do discurso e da realidade social não são da mesma ordem",[15] o analista deve recuperar o seu estatuto em outro lugar, mais especificamente junto aos "efeitos simbólicos supostos da existência da sintaxe, ou seja, finalmente disso que eu chamei de 'autonomia relativa da língua'".[16] Esse movimento, por conseguinte, tem como efeito a inscrição na prática da AD do reconhecimento de que "passando pelo princípio do arbitrário do signo e desembocando no valor – [...] há uma ordem intrínseca à língua, não dependente da ordem das coisas".[17] Assim, é a partir da identificação de uma oposição entre *base linguística* e *processo discursivo*[18] que se dão contornos a uma teoria não-subjetivista da subjetividade.

Compete esclarecer que a formulação da *autonomia relativa da língua* articula o que se pode estatuir como o ponto nevrálgico da AD: invariavelmente leal à herança saussuriana da "língua como sistema", M. Pêcheux enxerga nessa última "a possibilidade de uma teoria geral da língua que permite a interpretação de particularidades fonológicas, sintáticas e morfológicas de tal ou tal língua".[19] Essa operação, por conseguinte, deixou um resto: a semântica, cuja incomensurabilidade às categorias mencionadas da língua impede de considerá-la "um nível a mais [*de plus*], homólogo aos outros".[20] Se, portanto, a língua pode ser concebida como sistema relativamente autônomo à ordem das coisas – implicando como corolário a tese de que "a língua suporta o real de *lalangue*",[21] isto é, o "reconhecimento do 'real da língua'"[22] (*cf. 2.1.2*) –, a semântica passa a situar-se no nível do discurso "com suas modalidades próprias de funcionamento, que põe em jogo um determinismo histórico-social cujos efeitos se cruzam ou interferem com aqueles produzidos pelos mecanismos da língua e pelos jogos da linguagem, produtores de efeitos de sentido recuperáveis e analisáveis".[23] Em outras palavras, a língua e sua autonomia relativa, marcadas pela indiferença "a respeito da luta de classes",[24] são confrontadas ao "fato que as classes não são 'indiferentes' à língua [o que] se traduz pelo fato de que todo

[12] Sitri, *Enjeux d'une approche matérialiste du langage en analyse du discours*, s/p., tradução nossa.
[13] Authier-Revuz, *La représentation du discours autre*, p. 397, tradução nossa.
[14] Pêcheux, *Les vérités de la Palice*, p. 81, tradução nossa.
[15] Sitri, *Enjeux d'une approche matérialiste du langage en analyse du discours*, s/p., tradução nossa.
[16] Henry, *Le Mauvais outil*, p. 153, tradução nossa.
[17] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 512, tradução nossa.
[18] Pêcheux, *Les vérités de la Palice*, p. 81, tradução nossa.
[17] Haroche; Henry; Pêcheux, *La sémantique et la coupure saussurienne*, p. 96, tradução nossa.
[20] Maldidier, *L'inquiétude du discours*, p. 22, tradução nossa.
[21] Milner, *L'amour de la langue*, p. 29, tradução nossa.
[22] Authier-Revuz, *La représentation du discours autre*, p. 336, tradução nossa.
[23] Macherey, *Idéologie*, s/p., tradução nossa.
[24] Pêcheux, *Les vérités de la Palice*, p. 82, tradução nossa.

processo discursivo se inscreve em uma relação ideológica de classe",[25] da qual palavras e expressões extraem sua significação.

Assim, compreende-se que, do ponto de vista teórico-epistemológico, a AD emergiu como uma teoria que visa a examinar o "impensado da língua, o efeito-sentido e o efeito-sujeito, em uma perspectiva que não seja nem a do logicismo (a 'semântica gerativa' de Chomsky), nem a do subjetivismo e do historicismo (abordagem 'sociolinguística' própria a uma certa corrente marxista rejeitada por Pêcheux)",[26] recusando a ideia de que "o discurso 'reflete' a realidade, que a língua é 'transparente' e constitui somente uma simples 'ferramenta' de transmissão de ideias ou de ideologias, [e] que o sentido é imediatamente acessível".[27] Entretanto, seria tapeação pensar que a articulação conceitual de M. Pêcheux se encerrou no limiar da correlação entre o conceito de língua – de subordinação saussuriana – e o conceito de discurso/processo discursivo – de acatamento materialista –, dado que é a própria categoria de sujeito que pivota a articulação entre língua, discurso e história. Se o conceito de sujeito, nessa linha de pensamento, emergiu como elemento fulcral da teoria, não se trata, contudo, de um sujeito pragmático ou lógico, mas de um sujeito "cuja divisão representa o que é de ontológico no seu assujeitamento ao simbólico"[28] e ao Significante. Está-se, portanto, diante do sujeito lacaniano do inconsciente, isto é, um sujeito clivado e, por definição, despossuído do domínio do sentido.

A categoria de sujeito, para M. Pêcheux, configura-se como um efeito do assujeitamento decorrente do funcionamento da Ideologia em geral:[29] formulou-se aí como a "interpelação dos indivíduos em sujeito (e especificamente em sujeitos do seu discurso) se realiza por meio do complexo de formações ideológicas [...] e fornece 'a cada sujeito' sua 'realidade', enquanto sistema de evidências e de significações percebidas-aceitas-sentidas".[30] Nesse contexto, a constituição do sujeito em remissão ao materialismo constitutivo da psicanálise lacaniana serve, por um lado, para explanar como "o *moi*, isto é, o imaginário no sujeito (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária à realidade), não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao *Outro*, ou ao *Sujeito*, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza no sujeito *sob a forma da autonomia*".[31] Por outro lado, esse enraizamento na perspectiva materialista serve para refutar o próprio empirismo que revigorava na semântica, como discutido anteriormente, dado que, se a experiência do sujeito revela, no sentido benvenistiano do termo, uma ancoragem pessoal-temporal-espacial – ou seja, um *eu-aqui-agora* projetados no eixo do enunciado –, são "as propriedades discursivas da forma-sujeito, do '*moi*-imaginário' como 'sujeito do discurso'",[32] garantidas "pelo fantasma de coincidência a si em que Freud via a sublimação na ordem da especulação do fantasma de *toute-puissance*",[33] que criam essa ilusão imaginária de sujeito. Ou seja, a perspectiva idealista-empirista, para M. Pêcheux, não é nada mais que "o funcionamento espontâneo da forma-

[25] Pêcheux, *Les vérités de la Palice*, p. 82, tradução nossa.
[26] Gillot, *Pour une théorie non subjectiviste de la subjectivité*, p. 38, tradução nossa.
[27] Sitri, *Enjeux d'une approche matérialiste du langage en analyse du discours*, s/p., tradução nossa.
[28] Bibiano, *Mise en mots d'une intervention thérapeutique et idéologique*, p. 90, tradução nossa.
[29] A não confundir com as ideologias particulares, *cf.* Althusser, *Idéologie et appareils idéologiques d'État*.
[30] Pêcheux, *Les vérités de la Palice*, p. 147, tradução nossa.
[31] Pêcheux, *Les vérités de la Palice*, p. 147, tradução nossa.
[32] Pêcheux, *Les vérités de la Palice*, p. 148, tradução nossa.
[33] Legrand; Sibertin-Blanc, *Introduction générale*, p. 4, tradução nossa.

sujeito, pela qual se dá como essência do real aquilo que é o seu efeito representado para um sujeito".[34]

Essa articulação teórica, apresentada em *Les Vérités de la Palice*, foi objeto de uma revisão teórica em 1978,[35] na qual M. Pêcheux retificou sua posição que reduzia "a interpelação em sujeito a um mecanismo sem falha".[36] Nesse imbróglio, foi Paul Henry, na obra *Le mauvais outil*: *Langue, sujet et discours* (1977), que, em uma rigorosa articulação epistemológica, balizou o funcionamento da interpelação ideológica do sujeito ao redor do conceito de língua, tornando-a conceitualmente operável. Vale citar parte desse desenvolvimento na íntegra:

> não emprego aqui o termo de identificação levianamente, pois só pode haver 'sujeito universal' enquanto sujeito que não pode deixar de saber, no imaginário ou na ideologia. Esse sujeito é um efeito reduzido a ser o suporte de um saber sobre a língua, mas como deve-se considerar como um fato de estrutura que nada na linguagem escapa propriamente à língua, esse saber sobre a língua está sempre a ponto de virar um saber sobre o mundo, um saber universal sobre o mundo. Um tal sujeito só pode existir no registro da materialidade do imaginário ou da ideologia. Mas então o fato de estrutura que toca à existência material da língua e que acabo de lembrar aparece como sendo aquilo que produz nesse registro de materialidade o sujeito universal, sob a forma do sujeito da identificação simbólica no tocante ao imaginário (o Outro enquanto sujeito), e sob a forma do 'sujeito da ciência' ou de seus análogos, Deus principalmente, no que diz respeito à ideologia. Em suma, direi que se há 'sujeito universal' no imaginário como na ideologia é porque há língua.[37]

É-se, antes de sujeito da ideologia ou do inconsciente, sujeito da língua. Uma tal proposta teórica reforça a distância entre a AD e certas proposições de leitura metafísicas ou psicológicas do discurso, abrindo as portas à condução de análises não-subjetivistas que se ancoram, sobretudo, em formas linguísticas, dado que "o funcionamento da língua, que não depende apenas de regras mecânicas e dispõe de uma neutralidade apenas aparente, é parasitado por determinações que lhe são exteriores e cuja origem ainda precisa ser identificada".[38] Do ponto de vista operacional e metodológico, esse processo de identificação adota como norte dois conceitos caros à teoria de M. Pêcheux, a saber o de interdiscurso e o de pré-construído.

1.1 Procedimentos formais em AD: do interdiscurso ao pré-construído

Ao longo dos últimos cinquenta anos, o termo interdiscurso foi integrado ao inventário conceitual da linguística e das ciências da linguagem. Contudo, essa consolidação ocorreu sob condição de fazer do conceito objeto de reformulações e de apropriações indevidas, que obnubilaram seu contexto de origem,[39] que é a AD de M. Pêcheux. Assim, o interdiscurso pode e deve ser compreendido na dimensão de "um processo ou de uma instância (e não de um fenômeno ou conjunto de enunciados) em um

[34] Pêcheux, *Les vérités de la Palice*, p. 148, tradução nossa.
[35] *Cf*. Pêcheux, *Il n'y a de cause que de ce qui cloche*.
[36] Gillot, *Pour une théorie non subjectiviste de la subjectivité*, p. 46, tradução nossa.
[37] Henry, *A ferramenta imperfeita*, p. 197-198.
[38] Macherey, *Idéologie*, s/p., tradução nossa.
[39] *Cf*. Paveau (*L'éthique des paradigmes : mémoire et démémoire scientifique*) para um trabalho de genealogia do termo interdiscurso, revelando como sua origem no seio da teoria do discurso de M. Pêcheux foi apagada para se tornar objeto de abordagens "desmemoriadas".

fundo de inconsciente e de sujeito dividido".[40] Em outras palavras, falar em interdiscurso implica adentrar o âmbito do assujeitamento histórico-ideológico, o que não corresponde, em hipótese alguma, à ideia de um emaranhado de discursos proferidos anteriormente ou de uma forma que enquadraria a substância do mundo.

É em um texto de 1983 – raramente lido e comentado – que M. Pêcheux explana o conceito de interdiscurso com mais clareza:

> a condição essencial para a produção e interpretação de uma sequência não pode ser inscrita na esfera individual do sujeito psicológico: ela reside, na verdade, na existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos que constituem o espaço da memória da sequência. O termo interdiscurso caracteriza esse corpo de traços como materialidade discursiva, na medida em que essa materialidade intervém para constituí-lo. O não-dito da sequência não é, portanto, reconstruível com base em operações lógicas internas, ele reenvia ao já dito, do dito alhures.[41]

É, portanto, no bojo do interdiscurso que o desenvolvimento teórico-epistemológico da AD de M. Pêcheux encontra aplicação na materialidade do texto, visto que o conceito se refere às determinações sócio-históricas das quais se depreendem "as modalidades do assujeitamento. [...] O interdiscurso é o lugar no qual se constituem, para um sujeito falante que produz uma sequência discursiva [...], os objetos de que esse sujeito enunciador se apropria para fazer deles os objetos de seu discurso, assim como a articulação entre esses objetos".[42] Em outras palavras, falar em interdiscurso remete necessariamente a um "espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram [*déploient*] as formações discursivas em função das relações de dominação, subordinação, contradição",[43] que atestam o fato de que – à revelia do sujeito psicológico e sua consciência – "'*ça parle*' sempre 'antes, alhures e independentemente'".[44]

Interessa aqui constatar que o interdiscurso não é um devaneio ou uma abstração teórica, mas pode ser recuperado na materialidade do texto a partir dos traços que deixa no intradiscurso[45] do sujeito, isto é, um conjunto de (ir)regularidades discursivas objetivamente atestáveis que podem ser recuperadas por meio de uma análise linguística de enunciados. Logo, se um dos pressupostos do conceito de interdiscurso é sua recuperabilidade no fio de um texto, como aquilo que faz uma ruptura – sob a modalidade de evidência, do *sempre-já-lá* – no fio do intradiscurso, tal descontinuidade emerge sob a tutela do termo pré-construído. Cabe, dessa forma, mostrar que

> na ótica do pré-construído, é fundamentalmente em negativo que um saber sobre o discurso pode ser articulado a partir da língua. O discurso é capturado [*saisi*] a partir da sua sombra projetada sobre a língua, saber que depende mais da detecção indireta

[40] Paveau, *L'éthique des paradigmes*, s/p., tradução nossa.
[41] Pêcheux, *Lecture et mémoire*, p. 289, tradução nossa.
[42] Courtine, *Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours*, p. 35, tradução nossa.
[43] Guilhaumou; Maldidier; Robin, *Jalons dans l'histoire de l'analyse de discours en France*, *apud* Guilhaumou, *Où va l'analyse de discours ? Autour de la notion de formation discursive*, s/p., tradução nossa.
[44] Pêcheux, *Les vérités de la Palice*, p. 147, tradução nossa.
[45] O intradiscurso se refere à sequência discursiva sustentada pelo sujeito do discurso, que é garantida pelo *moi* imaginário. É no fio desse intradiscurso, na qualidade de fala atribuída a um sujeito, que o interdiscurso se infiltra determinando – em uma modalidade de assujeitamento ideológico – os objetos do discurso desse mesmo sujeito.

> do trânsito planetário diante de estrelas distantes do que à observação direta delas por meio do telescópio de Galileu.[46]

É fundamental compreender que o pré-construído, segundo sua definição nas linhas de M. Pêcheux e de P. Henry, não se manifesta na superfície imediata do texto, isto é, ele não é encontrado a partir da observação direta. O que se denomina pré-construído é um saber articulável a partir da análise de formas linguísticas – como as orações subordinadas adjetivas ou as nominalizações –, cuja estrutura e recorrência, no fio do texto, atestam como "relações intra e inter-sequenciais podem simultaneamente atuar sem que possam ser conscientemente diferenciadas".[47] Interessa constatar, na realidade, que o pré-construído "produz o efeito subjetivo de anterioridade, de implicitamente admitido etc."[48] e que o conjunto de formas da língua que lhe compõe permite, até certo ponto, recuperar aquilo que se dissimula – "na base da autonomia relativa da língua"[49] – como assertado 'antes e alhures' e que se apresenta ao sujeito sob uma modalidade de evidência, na relação com o 'sujeito universal'. Daí o sentido da metáfora acima: assim como a observação das variações na luminosidade de planetas e estrelas permite a observação dos trânsitos planetários, pois o movimento dos planetas é provado pela variação da luminosidade, é viável identificar o funcionamento do pré-construído "como fato que aponta para o fora da língua [*hors langue*] do sujeito da enunciação – que não é um sujeito pragmático, dotado de representações lógicas. Daí o caráter indireto de toda observação do pré-construído".[50]

Tomemos como primeiro exemplo o caso das orações subordinadas adjetivas determinativas e explicativas. Trata-se de um "exemplo de uma regularidade dos dados da língua suficientemente estável para ser registrada na gramática, mas que, no entanto, encontra as limitações dos próprios conceitos da linguística, particularmente a autonomia da língua",[51] isto é, quando se colocam frente a frente as duas formas de subordinadas adjetivas, a produção de sentido pode vir a repousar na dimensão da história e do discurso, revelando "a incompletude do campo da sintaxe, [...] que permite definir a existência de um sujeito da enunciação heterogêneo e singular recorrendo ao fora da língua [*hors-langue*]: a historicidade".[52]

Para ilustrar seu funcionamento, no enunciado *O homem que é racional é livre* [*L'homme qui est raisonnable est libre*], há uma oração subordinada adjetiva. Sua classificação, no entanto, pode vir a ser objeto de controvérsia, pois, como coloca M. Pêcheux,

> para o sujeito falante que produz esse enunciado filosófico, não há, em princípio, ambiguidade: em geral, 'sabe-se o que se diz', falamos da evidência da ideologia. Mas para aquele que escuta essa frase 'fora de contexto', o problema se coloca

[46] Dumoulin, *Les théorisations du discours de Michel Pêcheux et Michel Foucault*, p. 385, tradução nossa.
[47] Henry, *Constructions relatives et articulations discursives*, p. 97, tradução nossa.
[48] Henry, *Constructions relatives et articulations discursives*, p. 97, tradução nossa.
[49] Henry, *Constructions relatives et articulations discursives*, p. 97, tradução nossa.
[50] Dumoulin, *Les théorisations du discours de Michel Pêcheux et Michel Foucault*, p. 393-394, tradução nossa.
[51] Dumoulin, *Les théorisations du discours de Michel Pêcheux et Michel Foucault*, p. 384, tradução nossa.
[52] Dumoulin, *Les théorisations du discours de Michel Pêcheux et Michel Foucault*, p. 437, tradução nossa.

> diferentemente, mesmo se ele não suspeita explicitamente que uma tal relativa [subordinada adjetiva] pode funcionar sob a modalidade da determinação [restritiva], ou como apositiva [explicativa]. Linguista ou não, pergunta-se a questão: a frase III significa:
> a) 'Todo homem, sendo racional, é consequentemente livre' (a razão é apresentada em todo ser humano: função de evocação [*rappel*], apositiva);
> Ou b) 'Somente os homens racionais são livres' (há homens que são afetados pela propriedade 'racional', e outros que, por diversas razões, não o são: traço de uma fronteira, determinativa)?
> A escolha entre as duas interpretações não é evidentemente de natureza linguística.[53]

Quando se esmiúça o funcionamento sintático das orações subordinadas adjetivas, observa-se que se trata de um encadeamento entre uma proposição principal (e.g. *o homem é livre* [*l'homme est libre*]) e uma proposição subordinada (e.g. *o homem é racional* [*l'homme est raisonnable*]), na qual a subordinada emerge para qualificar um termo antecedente. Em outras palavras, a oração subordinada é aglutinada à principal, permitindo que se recupere, *a priori* sob as modalidades de restrição ou de explicação, um sentido que não pode ser definido, assertado ou explicado no âmbito da sintaxe da língua exclusivamente. É precisamente nesse contexto que o *hors-langue*, que o sujeito da enunciação encontra – sob a tutela da evidência *sempre-já-lá* do interdiscurso –, faz emergir modalidades de identificação ao 'sujeito universal' "enquanto sujeito que não pode deixar de saber".[54] No caso do enunciado *O homem que é racional é livre*, o sentido não é dado pela estrutura da língua, mas reenvia a um exterior que a afeta e que se apresenta ao sujeito como natural e transparente.

O segundo modelo de forma linguística com o qual se operará encontra-se nas nominalizações,[55] cujo ordenamento repousa na "transformação de um enunciado verbal em SN [sintagma nominal]".[56] Ocorrências comuns da estrutura de nominalização podem ser encontradas em um enunciado ordinário, como "eu esperava encontrar uma expressão de surpresa à sua porta, até mesmo um abraço e uma recepção calorosa".[57] Nesse caso, está-se frente a quatro nominalizações distintas: 'expressão', 'surpresa', 'abraço' e 'recepção', as quais podem ser associadas, respectivamente, às seguintes estruturas: '[um sujeito] expressa [algo]', '[um sujeito] surpreende [alguém]', '[um sujeito] abraça [algo/alguém]' e '[um sujeito] recepciona [alguém]'. No âmbito do pré-construído, o problema-chave dessa forma linguística pode ser encontrado no fato de que a nominalização pode emergir em uma modalidade [pseudo]anafórica, visto que "o enunciado nominalizado é *pré-construído*, isto é, ele não é assumido [*pris en charge*] pelo enunciador, mas se encontra como um objeto do mundo 'já-lá', preexistente ao discurso, que vai servir para instanciar um lugar na relação: suas condições de produção foram apagadas".[58]

Em sua análise do discurso médico, N. Marignier demonstra eficazmente como o procedimento de exame da nominalização pode desnudar a presença de pré-construídos, cuja remissão ao interdiscurso se infere pelo enunciado, mas não é necessariamente

[53] Pêcheux, *Effets discursifs liés au fonctionnement des relatives en français*, p. 275, tradução nossa.
[54] Henry, *A ferramenta imperfeita*, p. 197.
[55] *Cf.* Dumoulin 2022, pp. 440-442, Marignier 2016, pp. 197-199, Sitri 1996, §22-26 e Sériot 1986.
[56] Sériot, *Langue russe et discours politique soviétique*, p. 24, tradução nossa.
[57] Aciman, *Variações Enigma*, p. 88.
[58] Sériot, *Langue russe et discours politique soviétique*, p. 24, tradução nossa.

sustentada pela intenção do sujeito da enunciação. Veja-se a seguinte frase: '*A ablação da gônoda em desacordo com o sexo designado levará à criação no sexo feminino*' [*L'ablation de la gonade discordant avec le sexe assigné conduira à l'élevage dans le sexe féminin*], para a qual

> podemos determinar os proto-enunciados seguintes:
> Pe1: os cirurgiões removem as gônodas discordantes
> (Pe1': os cirurgiões devem remover as gônodas discordantes)
> Pe2: os pais/os responsáveis/a família/o entorno cria as crianças em um sexo.[59]

Vê-se, portanto, a nominalização emergir no fio do enunciado/intradiscurso como portadora de pré-construídos, cujo discurso de origem não é necessariamente assumido pelo sujeito da enunciação. No caso desse modelo de análise específico,

> todos esses proto-enunciados 'não existem realmente', no sentido de que não foram efetivamente realizados: tentar restabelecê-los como eu o fiz é, portanto, uma abordagem arriscada [*hasardeuse*] e tem apenas um valor ilustrativo aqui. Mas isso permite exibir o 'inaceitável' evocado por Sériot: castrar, remover uma gônada são ações sem dúvida muito violentas para que a realização por um agente seja marcada no nível sintático. Esses proto-enunciados permanecem então nos limbos do discurso, que eles tornam possíveis sem nunca serem atualizados. Isso também produz, mais uma vez, o efeito de que as coisas se realizam por si mesmas, são executadas sem agentes, correspondem à ordem das coisas.[60]

Aqui, é necessário realçar alguns pontos. De início, o pré-construído, como efeito da estrutura sintática da língua, não é intrinsecamente inscrito na dimensão do interdiscurso. Basta, por exemplo, analisar um enunciado como *O médico que veio esta manhã é muito simpático* ["*Le médecin qui est venu ce matin est fort sympa*"],[61] no qual há indubitavelmente um pré-construído, mas que não parece ser remetido ao assujeitamento ideológico. Nesse sentido, o trabalho do analista do discurso passa pela identificação e pela interpretação dos enunciados, recuperando "a recorrência e os cruzamentos [*recoupements*] de um conjunto de pré-construídos dentro de um discurso, em comparação com outros discursos, em relação a certas condições históricas, etc., que tornam possível a interpretação deste como [...] realizando a interpelação ideológica dos sujeitos do discurso".[62]

2. Fundamentos epistemológicos de uma teoria não-subjetivista da enunciação: Jacqueline Authier-Revuz e as formas (meta-)enunciativas

Na continuidade de uma "corrente 'enunciativa em sentido estrito', 'neoestruturalista', partindo – nesse campo heterogêneo onde se encontram a língua e

[59] Marignier, *Les matérialités discursives du sexe*, pp. 198-199, tradução nossa.
[60] Marignier, *Les matérialités discursives du sexe*, p. 199, tradução nossa.
[61] Dumoulin, *Les théorisations du discours de Michel Pêcheux et Michel Foucault*, p. 447, tradução nossa.
[62] Dumoulin, *Les théorisations du discours de Michel Pêcheux et Michel Foucault*, pp. 446-447, tradução nossa.

seus exteriores – das formas linguísticas (marcadas pelos nomes de Bally, Benveniste, Culioli)",[63] a teoria de Jacqueline Authier-Revuz avança naquilo que a linguística do final do século XX fracassou, ao demonstrar que "trabalhar no campo enunciativo não é sinônimo de se inscrever na corrente pragmática e não impõe tal regressão – dada como avanço – que consiste a encobrir 'essa alguma coisa da linguagem abaixo da evidência do sentido'".[64] Nesse contexto, J. Authier-Revuz desvela "seu trabalho de construção de uma teorização não-subjetivista da enunciação",[65] que, a partir de seus exteriores que são "a teoria lacaniana do sujeito e a análise do discurso no sentido de Pêcheux em seus últimos desenvolvimentos, em oposição aos exteriores antagonistas que teorizam um sujeito pleno",[66] visa a esmiuçar "a configuração enunciativa que se vale da reflexividade meta-enunciativa – a 'modalização autonímica' da enunciação atravessada pela sua autorrepresentação opacificante",[67] com o objetivo de "identificar, inventariar, classificar e descrever as formas – linguísticas ou discursivas – por meio das quais se realiza o desdobramento meta-enunciativo próprio dessa configuração".[68]

Em termos macroestruturais, essa teoria enunciativa se engendra em diálogo com três tradições epistemológicas distintas e caras à linguística francesa. De início, depara-se com uma inegociável adesão à tradição saussuriana e à AD de M. Pêcheux, para as quais "a palavra emprestada não conta mais como tal, assim que é estudada dentro do sistema; ela existe apenas por sua relação e sua oposição com as palavras a ela associada".[69] Na sequência, identifica-se a ancoragem aos postulados do Círculo de Bakhtin, sobretudo no reconhecimento de que "o outro do dialogismo de Bakhtin não é nem o objeto exterior do discurso (falar do discurso do outro), nem o duplo, igualmente exterior, do locutor: ele é a condição do discurso, e é uma fronteira interior que marca, no discurso, a relação constitutiva com o outro".[70] A terceira acostagem epistemológica é "a questão do sujeito na sua relação à linguagem segundo a psicanálise, mais precisamente na leitura que Lacan faz de Freud",[71] na qual se articula a inevitável relação com o Outro, enquanto tesouro do significante e lugar de constituição da subjetividade. Assim, o pano de fundo por excelência da teoria das *não-coincidências do dizer* é o sujeito constituído na sua relação com a língua, cuja contraditoriedade se exprime nas palavras angustiantes de J.-P. Lebrun: se "o que eu [sujeito] tenho de mais singular, minhas palavras, que é também o que eu tenho de mais íntimo [...], no entanto, nunca é construído senão no material do Outro",[72] "como o 'singular' de um sujeito pode se constituir a partir do 'comum'

[63] Authier-Revuz, *Etude linguistique et discursive de la modalisation autonymique*, p. 241, tradução nossa.
[64] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 55, tradução nossa.
[65] Bres; Rosier, *Réfractions : polyphonie et dialogisme*, s. p., tradução nossa.
[66] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 59, tradução nossa
[67] Authier-Revuz, *Etude linguistique et discursive de la modalisation autonymique*, p. 240, tradução nossa.
[68] Authier-Revuz, *Etude linguistique et discursive de la modalisation autonymique*, p. 240, tradução nossa.
[69] Saussure, *Cours de linguistique générale*, p. 29, tradução nossa.
[70] Authier-Revuz, *Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive*, p. 121, tradução nossa.
[71] Bres; Rosier, *Réfractions*, s/p., tradução nossa.
[72] Lebrun, *La perversion ordinaire, apud* Authier-Revuz, *La représentation du discours autre*, p. 518, tradução nossa.

que vem inteiramente do Outro? Sob quais condições [...]? Porque ele não permanece alienado no Outro?".[73]

Nesse fundo conceitual, é impossível não reconhecer a destreza do movimento teórico de J. Authier-Revuz, sobretudo com relação à complexa interação do dialogismo com a psicanálise – e, em extensão dessa última, com a AD de M. Pêcheux. Ela não visa a conciliar essas teorias lá onde há incomensurabilidade,[74] mas desvelar que, entre dissensos e oposições, elas se tocam em um mesmo ponto: "não há metalinguagem, mas uma camada metalinguageira inerente à enunciação".[75] Por conseguinte, J. Authier-Revuz enxerga a "reflexividade da linguagem" como um ponto de convergência entre seus múltiplos referenciais teóricos, abrindo uma possibilidade para "abordar a autorrepresentação da enunciação" e colocar "a capacidade da linguagem de ser a sua própria metalinguagem"[76] como centro do aparato analítico discursivo. Trata-se, em última instância, de uma articulação teórica cujo eixo nodal se calca na singularidade da linguagem humana, que figura como "o único sistema cuja significação se articula assim sobre duas dimensões. Os outros sistemas têm uma significação unidimensional",[77] o que confere à língua "o privilégio [...] de comportar tanto a significação dos signos quanto da enunciação. Daí vem seu maior poder, o de criar um segundo nível de enunciação, que torna possível sustentar proposições significantes sobre a significação".[78]

Seguir o fio dessa teoria da enunciação deságua na relação contraditória entre sujeito e língua de que se tratou anteriormente, pois, não obstante a inexistência "de lugar, exterior à linguagem de onde poderíamos tomar essa última e o sentido e a enunciação por objeto, há esta camada metalinguageira na qual se inscreve o movimento reflexivo, [...] essa então do dizer retornando sob suas palavras via outras palavras ainda".[79] Uma tal posição teórica remete à perspectiva lacaniana da linguagem:

> partamos da concepção do Outro como lugar do significante. Todo enunciado de autoridade não tem outra garantia senão sua enunciação mesma, pois é em vão que ele a procure em outro significante, o qual não poderia de forma alguma aparecer fora desse lugar. O que formulamos ao dizer que não há metalinguagem que possa ser falar, mais aforisticamente: não há Outro do Outro. É como impostor que se apresenta para supri-lo, o Legislador (aquele que pretende erigir a Lei).[80]

Ao passo que implica uma leitura dialógica do discurso:

> graças a essa aptidão de uma linguagem que representa um outro de ressoar simultaneamente fora dela e nela, de falar sobre ela, enquanto fala como ela e com ela, e, por outro lado, à aptidão da linguagem representada de servir simultaneamente

[73] Lebrun, *La perversion ordinaire*, *apud* Authier-Revuz, *La représentation du discours autre*, p. 518, tradução nossa.
[74] Para apontamentos sobre as relações entre dialogismo, psicanálise e AD a partir da articulação de J. Authier-Revuz, *cf*. Authier-Revuz (1995; 2020, pp. 399-400), Bres; Rosier (2008, 4.2), Sitri (2015, pp. 41-45).
[75] Faucher; Jean, *Entretien avec Jacqueline Authier-Revuz*, p. 89, tradução nossa.
[76] Hartmann, *L'imaginaire, c'est le sens*, p. 182, tradução nossa.
[77] Benveniste, *Sémiologie de la langue*, p. 65, tradução nossa.
[78] Benveniste, *Sémiologie de la langue*, p. 65, tradução nossa.
[79] Authier-Revuz, *La strate méta-énonciative, lieu d'inscription du sujet dans son dire,* p. 85, tradução nossa.
[80] Lacan, *Subversion du sujet et dialectique du désir*, p. 813, tradução nossa.

> de objeto de representação e de falar por si mesma, é possível criar imagens de linguagens especificamente romanesca.[81]

Partir dessa reflexividade da língua reenvia, na dimensão prático-analítica, ao conceito de "autonomização, que assegura, em todo sistema de signos de língua natural, a possibilidade de referir a esses signos mesmos, [e que] aparece como a pedra angular e um 'universal' das línguas".[82] Nesse contexto, há uma escala cujo ponto de partida é o uso ordinário do signo, passando pelo signo autonímico e desembocando na 'modalização autonímica', essa última situada na camada enunciativa do texto. Vejam-se as frases a seguir como exemplo:

> (a) C'est quelqu'un qui **surnage** en toute circonstance [é alguém que resiste em toda circunstância];
> (b) **Surnage**' fait une rime à 'rivage' ['Surnage' faz uma rima com 'rivage'];
> (c) Une seule scène **surnage**, si l'on ose écrire, celle de la piscine [Uma única cena emerge, se ousarmos escrever, a da piscina].[83]

Tome-se como ponto de partida a ocorrência (a) da palavra '*surnage*' [resistir]. Trata-se de um uso ordinário do signo, no qual a palavra aparece no contexto da sua relação ao referente, podendo ser, inclusive, substituída por um sinônimo, como '*subsiste*', sem prejuízos à significação do texto. Avançando ao segundo exemplo, vê-se a palavra '*surnage*' como signo autonímico, isto é, não mais em sua transparência relacional com um referente, mas o próprio signo linguístico figura como objeto referencial. Nessa dimensão, falar em autonímia permite ver com clareza a propriedade metalinguageira já referida, na qualidade de "possibilidade de utilizar os signos para reenviar a eles mesmos e de se referir à forma significante do dizer e não somente ao seu conteúdo",[84] o que, no exemplo (b), confirma-se quando é interditada a possibilidade de substituir '*surnage*' por um sinônimo, como '*résister*'. O exemplo (c), por sua vez, soergue-se na escala de forma a transcender o uso autonímico do signo e instaurar, "no nível da enunciação, um desdobramento – o de um dizer que, ao falar sobre o fato de *surnager*, se desdobra em uma representação desse dizer em que se fala da palavra".[85] Em outras palavras, trata-se não somente da autonímia como possibilidade de tomar os signos da língua como objeto de representação, mas justamente de uma interrupção no eixo da enunciação, em que retorna sobre si mesma, permitindo a "autorrepresentação do dizer se fazendo no momento".[86]

No tocante ao exame das 'modalizações autonímicas', cabe ressaltar que J. Authier-Revuz se afasta de psicologismos ou de abordagens teleológicas da enunciação, orientando seu trabalho pela identificação e recorrência de formas meta-enunciativas, cuja presença pode ser apontada a partir de formas linguísticas. É no interior desse paradigma, portanto, que se põe em evidência como a teoria das *não-coincidências do dizer* culmina "na construção de uma *teoria da enunciação não subjetiva*"[87], justificando sua infusão ao presente dispositivo de análise – sobretudo em função de seu alicerce em

[81] Bakhtine, *Esthetique et theorie du roman*, p. 175, tradução nossa.
[82] Authier-Revuz, *La représentation du discours autre*, p. 248, tradução nossa.
[83] Authier-Revuz, *La représentation du discours autre*, pp. 248-249, tradução nossa.
[84] Hartmann, *L'imaginaire, c'est le sens*, p. 183, tradução nossa.
[85] Authier-Revuz, *La représentation du discours autre*, p. 249, tradução nossa.
[86] Authier-Revuz, *La représentation du discours autre*, p. 249, tradução nossa.
[87] Bres; Rosier, *Réfractions*, s/p., tradução nossa.

um estudo da língua de filiação saussuriana e nas formulações finais da AD de M. Pêcheux, cujos escritos indicavam uma necessidade de estudar "essas cotidianidades enunciativas que transbordam o Estado e seus aparelhos".[88] Assim, entre os elementos da teoria de J. Authier Revuz, encontra-se, em 1995, o trabalho de inventariar e descrever as formas de modalização autonímica, a partir de formas linguísticas recorrentes e recuperáveis. São as formas meta-enunciativas que se apresentam a seguir.

2.1 As não-coincidências do dizer

Sob o título de *Ces mots qui ne vont pas de soi: Boucles réflexives et non-coïncidences du dire*, J. Authier-Revuz propõe uma espécie de gramática de formas meta-enunciativas, na qual figuram quatro grandes tipos de retorno reflexivo, cada qual correspondendo a um conjunto de formas recorrentes e linguisticamente atestáveis. Ao passo que todos os retornos pressupõem o mesmo fundo epistemológico, a saber o sujeito psicanalítico divido pelo seu inconsciente, pode-se distinguir duas modalidades de *não-coincidências* do dizer. De um lado, as duas primeiras se referem a fatos propriamente discursivos e "são concebíveis no âmbito do 'dialogismo' bakhtiniano",[89] revelando tanto uma *não-coincidência interlocutiva* quanto uma *não-coincidência do discurso consigo mesmo* – essa última convocando paralelamente o interdiscurso de M. Pêcheux. Do outro lado, as demais duas reenviam a *não-coincidências* "próprias ao real da língua – como forma por um lado, como espaço de equívoco, por outro lado":[90] a *não-coincidência da palavra com a coisa*, ou seja, o (des)encontro "fundamental entre duas ordens heterogêneas: a da língua e a do real",[91] e a *não-coincidência da palavra consigo mesma*, isto é, o (des)encontro do "um da associação, no dizer de uma unidade, de um significante e de um significado".[92]

2.1.1 Não-coincidência interlocutiva e Não-coincidência do discurso consigo mesmo

Para J. Authier-Revuz, a *não-coincidência interlocutiva* se refere às formas que "constituem outro 'aspecto' [*'volet'*] da função fática, visando a assegurar 'condições' de outro tipo: as do compartilhamento, pelos co-enunciadores, das maneiras de dizer e de seu sentido",[93] em um movimento que pode ser duplo: é possível tanto "conjurar o fato de que uma maneira de dizer ou um sentido não são de imediato, ou nunca, 'compartilhados', por meio de estratégias diversas [...], isto é, tentar restaurar o UM da co-enunciação onde ele parece ameaçado"[94] quanto "aceitar [*prendre acte*], nesse ponto, o não-um, indicando

[88] Pêcheux, *Le structuralisme brûle-t-il?*, (texto inédito) *apud*, Dumoulin, *Les théorisations du discours de Michel Pêcheux et Michel Foucault*, p. 337, tradução nossa.
[89] Authier-Revuz, *Etude linguistique et discursive de la modalisation autonymique*, p. 248, tradução nossa.
[90] Authier-Revuz, *Etude linguistique et discursive de la modalisation autonymique*, p. 248, tradução nossa.
[91] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 507, tradução nossa.
[92] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 713, tradução nossa.
[93] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 181, tradução nossa.
[94] Authier-Revuz, *Etude linguistique et discursive de la modalisation autonymique*, p. 247, tradução nossa.

que 'as palavras que eu digo não são as suas'".[95] Entre as formas mais comuns desse tipo de *não-coincidência do dizer*, estão: "X, perdoe-me a expressão; se você entende o que quero dizer; acho que você não gosta da palavra; X, entenda Y; como você acabou de dizer; o que você chama de X".[96]

Já a *não-coincidência do discurso consigo mesmo*, "relativamente ao 'vai de si' [*va de soi*] da transparência, [...] diz que, no discurso proferido *hic* e *nunc*, tais palavras 'suas' não são, de fato, 'de si', mas 'do outro', ou seja, manifesta o encontro, pelo enunciador, nas palavras de seu discurso, de palavras que vêm de outro lugar".[97] Interessam, para o reconhecimento dessa *não-coincidência do dizer*, as "formas de modalização autonímica [...] que caracterizam palavras das quais o enunciador faz uso, como emprestadas de outro discurso".[98] Assim, é possível indicar: "X, tomo este termo de...; para retomar a palavra de...; o que l chama de...; o, l diria...",[99] como algumas de suas formas mais recorrentes.

2.1.2 Não-coincidência da palavra com a coisa e Não-coincidência da palavra consigo mesma

Não mais se tratando das *não-coincidências* de dimensão dialógica, nas quais está em jogo a relação entre os interlocutores e as palavras de outrem, nestas modalidades de *não-coincidência*, "da[s] qua[is] não se pode dar conta senão pela introdução dos parâmetros da língua e do inconsciente",[100] "a dimensão do não-um é colocada pelo locutor – sem a mediação de um outro discurso, sem que venham em suas palavras interpor-se palavras 'que não são suas' – diretamente, entre suas palavras e o que elas nomeiam, em seu processo de nomeação".[101] Pode-se, nesse movimento, "por meio de três grandes tipos de comentário reflexivo [...]: (1) afirmar a coincidência, o UM da nomeação, (2) dizer o trabalho em direção à coincidência, a busca pelo UM, (3) denunciar a não coincidência, a falha da nomeação".[102] Nessa dimensão, reconhecem-se, entre as formas mais comuns da *não-coincidência da palavra com a coisa*: "X, é a palavra; a palavra é fraca; por assim dizer; é muito dizer; o que talvez poderíamos chamar de X".[103]

Na sequência, depara-se com aquilo que J. Authier-Revuz nomeia *não-coincidência da palavra consigo mesma*, cuja ocorrência é "consubstancial ao jogo do que Lacan chama de *Lalangue*, na língua, condenando fundamentalmente o sistema linguístico de unidades distintas e os enunciados à equivocidade de uma homonímia generalizada, aquela onde se enraízam a poesia e a prática psicanalítica".[104] Assim, operando no espaço em que se desvinculam significantes e significados, essa forma de *não-coincidência do dizer* acaba por evocar a existência de "dois planos nos quais [...] se inscrevem, explicitamente, as diversas figuras do 'tratamento' reflexivo do não-um (da palavra, do

[95] Authier-Revuz, *Etude linguistique et discursive de la modalisation autonymique*, p. 247, tradução nossa.
[96] Authier-Revuz, *La représentation du discours autre*, p. 292, tradução nossa.
[97] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 235, tradução nossa.
[98] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 235, tradução nossa.
[99] Authier-Revuz, *La représentation du discours autre*, p. 292, tradução nossa.
[100] Bres; Rosier, *Réfractions*, s. p., tradução nossa.
[101] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 507, tradução nossa.
[102] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 548, tradução nossa.
[103] Authier-Revuz, *La représentation du discours autre*, p. 292, tradução nossa.
[104] Authier-Revuz, *Etude linguistique et discursive de la modalisation autonymique*, p. 249, tradução nossa.

sentido) na palavra [...]: o do sentido da unidade X, *hic et nunc* no enunciado [...]; [e] o do modo do dizer, no qual o enunciador 'faz (ou não) um com seu dizer".[105] São encontradas, portanto, formas como "X, no sentido próprio; nos dois sentidos da palavra; em todo os sentidos da palavra; sem (com) jogo de palavra; é o caso de dizê-lo"[106] nesse tipo de *não-coincidência do dizer*.

3. Análise dos relatos de si

3.1 Caracterização do *corpus* de análise

Com relação à constituição e à organização do *corpus* de análise, foi realizada uma seleção de relatos em primeira pessoa de indivíduos que vivenciaram um processo psicoterapêutico de reorientação sexual, seguindo os procedimentos teórico-metodológicos delineados por F. Sitri.[107] Nesse panorama, foi conduzida uma pesquisa em fontes públicas, tais quais podcasts e programas de televisão, a fim de identificar relatos que atendessem aos critérios de gênero textual estabelecidos, notadamente aos seguintes: o indivíduo deve ter vivenciado uma terapia de reorientação sexual, o relato deve ser conduzido na primeira pessoa e estruturado a partir de um modelo de depoimento semidirigido. Foram utilizados os relatos de cinco pessoas anglófonas, todas de cultura estadunidense, conforme a tabela abaixo.

Tabela 1 : organização dos relatos[108]

	Duração em minutos	Fonte e ano	Visualizações
Justin Utley	12:45	Rex (2022)	5 998
Kevin Martin	46:18	Mad Christianity (2022)	197
Larry Jamison	25:37	Kort (2020)	295
Matt Hancock	43:42	Chavez (2019)	68 633
Nate Winterton	22:47	Dehlin (2022)	2 944

Na sequência, procedeu-se à transcrição desses relatos, conforme as normas da Convenção ICOR da ENS Lyon para anotação de fenômenos verbais e paraverbais. Para referenciar de forma precisa todo excerto no interior do *corpus*,[109] a citação apresentará o nome do sujeito, o turno de fala e a linha do trecho no *corpus*. Por exemplo, a inscrição 'MAT 3 – 45' indica que se trata de uma fala retirada do relato de Matt, localizada no seu terceiro turno de fala e na quadragésima quinta linha da transcrição.

[105] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 729, tradução nossa.
[106] Authier-Revuz, *La représentation du discours autre*, p. 293, tradução nossa.
[107] Sitri, *'Genre de discours' et/ou 'formation discursive'*.
[108] Bibiano, *Mise en mots d'une intervention thérapeutique et idéologique,* p. 116, tradução nossa
[109] *Cf*. Bibiano, *Mise en mots d'une intervention thérapeutique et idéologique,* vol. II, para consulta às transcrições completas em livre acesso.

3.2 Estudo de pré-construídos

Retomando o pressuposto de que é "fundamentalmente em negativo que um saber sobre o discurso pode ser articulado a partir da língua",[110] a abordagem do analista frente ao *corpus* de estudo é "de focalizar-se, graças ao pré-construído, nos pontos singulares em que o discurso tropeça, isto é, recorre a um inassertado que o faz funcionar"[111] e cuja interpretação pode eventualmente ser remetida a um pano de fundo histórico-ideológico. Nesse sentido, este trabalho se ancora em uma leitura qualitativa do texto a partir da qual se elaborou uma espécie de cartografia de ocorrências de orações relativas adjetivas, das quais se isolaram ocorrências com relação à temática da *same-sex attraction* [atração pelo mesmo sexo],[112] cujo exame revelou, em negativo, um ponto de ancoragem ideológica. Examine-se um exemplo:

MAT 3 – 45 i've got some kind of sin inside me **that makes me impu- x makes me impure**	MAT 3 – 45 (tradução livre) eu tenho algum tipo de pecado dentro de mim **que me torna impu- x me torna impuro**

Neste enunciado, identificam-se duas orações, cada qual centrada em um verbo distinto, a saber '[*have*]*'ve got*' e '*makes*'. A primeira, na qualidade de oração principal, pode ser extraída em sua totalidade ('*i've got some kind of sin inside me*'), enquanto a segunda, desempenhando a função de oração adjetiva, pode ser reformulada da seguinte maneira: '*this kind of sin makes me impure*'. Emerge da análise dessa frase uma indagação pertinente: trata-se de uma oração adjetiva explicativa ou restritiva? Se for considerada como adjetiva explicativa, estar-se-ia frente a uma formulação de caráter aditivo, isto é, Matt possui um tipo de pecado dentro dele, e isso o faz impuro. Todavia, quando se tensionam as estruturas da língua, surge outra possibilidade interpretativa, dado que, ao entender a oração acima como adjetiva restritiva, o trecho '*makes me impure*' se torna uma característica que restringe e qualifica o tipo de pecado ('*sin*') que Matt possui. Nessa segunda interpretação, reconhece-se que existem vários pecados ('*sin*') no mundo, mas tornar impuro ('*makes me impure*') é uma característica inerente e exclusiva do tipo específico de pecado que Matt tem.

Em relação a esse enunciado, reconhece-se, de início, que a interpretação como adjetiva explicativa ou adjetiva restritiva dá-se na camada do discurso, não sendo inteiramente delimitada pela estrutura sintática. Na sequência, admitindo a possibilidade da restritiva, ilustra-se precisamente como o seu conteúdo "é propriamente *inassertado*.[113] O efeito de simulação reside no fato de que, para as restritivas, 'o interdiscurso aparece como o puro 'já-dito' do intradiscurso, no qual ele se articula por 'correferência', enquanto precisamente o conteúdo da restritiva nunca foi assertado'";[114] ou seja, trata-se de uma relação "que se pode caracterizar dizendo que 'o inassertado

[110] Dumoulin, *Les théorisations du discours de Michel Pêcheux et Michel Foucault*, p. 385, tradução nossa

[111] Dumoulin, *Les théorisations du discours de Michel Pêcheux et Michel Foucault*, p. 437, tradução nossa

[112] *Same-sex attraction* é um termo corrente para se referir à homossexualidade nos relatos em questão. Trata-se de um termo bastante comum no discurso religioso e no discurso científico.

[113] A palavra *inasserté* não possui tradução literal em português. Proceder-se-á à sua tradução como 'inassertado'.

[114] Dumoulin, *Les théorisations du discours de Michel Pêcheux et Michel Foucault*, p. 427, tradução nossa.

precede e domina o assertado'".[115] Nesse contexto, é necessário, para ratificar a oração acima como restritiva e a interpretação do pré-construído como oriundo do assujeitamento ideológico, recuperar o estatuto interdiscursivo desse elemento no interior de um *corpus* determinado. Assim, partindo desse primeiro exemplo, no qual se encontra um possível inassertado segundo o qual a *same-sex attraction* torna o sujeito impuro, foram encontradas, no interior do *corpus* em análise outras ocorrências de orações adjetivas cuja tensão entre restritiva e explicativa apontava para o mesmo tipo de inassertado. A seguir, registram-se dois exemplos pertinentes:

KEV 16 - 325 i should be able to overcome this / +thing \ **that is viewed as sin**	KEV 16 – 325 (tradução livre) eu deveria ser capaz de superar essa / +coisa \ **que é vista como pecado**
LAR 14 – 142 a lot of leaders would keep a certain distance painful distance from me as if i had a **disease that they didn't wanna catch&**	LAR 14 – 142 (tradução livre) muitos líderes mantinham uma certa distância dolorosa de mim como se eu tivesse uma doença **que eles não quisessem pegar&**

Em ambos os enunciados, identifica-se uma tensão significativa pertinente. No exemplo de Larry, a estrutura linguística permite duas interpretações conflituosas: pensar a oração adjetiva como explicativa reenvia à adição de informação, isto é, ao fato de que '*as if i had a disease*' e que '*they didn't wanna catch a disease*'. O inassertado, contudo, entra em jogo quando se passa a interpretá-la como restritiva e vê-se delinear um outro estatuto para o termo *disease*, segundo o qual, entre as várias doenças existentes e pelas quais '*they*' não se importariam em ser contaminados, o que singulariza a *same-sex attraction* é o fato de esses líderes não desejarem estar em contato e serem contaminados. Dessa forma, vê-se que o sentido desse inassertado aponta à mesma direção da frase anterior, na medida que se singulariza a atração pelo mesmo sexo como algo que contamina, no mesmo sentido que uma impureza contamina, no sentido religioso.

Já no exemplo de Kevin, para que a frase tenha sentido, é preciso estar, segundo M. Pêcheux, "em relação a algo externo, que constitui seu contexto, seu espaço de referência".[116] De outra forma, é necessário situar-se no âmbito do discurso religioso para determinar que '*this thing*' [atração pelo mesmo sexo] seja '*viewed as sin*', visto que, em outros contextos, essa afirmação não se sustentaria. Logo, uma vez inseridos nesse campo, a interpretação desse enunciado desencadeia alguns questionamentos, pois a subordinada adjetiva '*that is viewed as sin*' pode ser lida de duas maneiras: de um lado, como explicativa, estipula-se uma relação aditiva na qual Kevin deve superar '*this thing*', que, por acaso, é vista como pecado; de outro, como restritiva, limita-se o entendimento de '*this thing*' como sendo, por essência, '*viewed as sin*', sugerindo, assim, que há outras '*things*' que não são vistas dessa forma.

Essa diferença gera, portanto, não uma relação de adição, mas introduz uma restrição de causa: é precisamente porque '*this thing*' é vista como pecado que ela pode ser superada, o que a coloca em contraste com as coisas que não são – nem pecado, nem passíveis de superação. Encontra-se em jogo, na interpretação deste enunciado, um inassertado quanto ao estatuto da atração pelo mesmo sexo, que pode nunca ter sido

[115] Fuchs; Pêcheux, *Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours*, p. 22, tradução nossa.

[116] Pêcheux, *Effets discursifs liés au fonctionnement des relatives en français*, p. 275 tradução nossa.

reconhecido ou assumido pelo sujeito da enunciação, que, no contexto do relato, fala justamente sobre abandonar as terapias de reorientação sexual. Neste trabalho, interessa a recorrência desses pré-construídos derivados da tensão existente na estrutura das orações adjetivas, pois desvelam inassertados que sustentam a hipótese de que há um estatuto particular para atração pelo mesmo sexo em relação a outros comportamentos.[117]

Para mais, vê-se como o possível inassertado de um pré-construído não é entregue de bandeja ao analista, mas flutua no espaço interdiscursivo, sendo ratificado inconsciente e espontaneamente pelos sujeitos enunciadores. No caso dos relatos que se analisam, interessa reconhecer como esses inassertados desvelam contraditoriedades entre a posição discursiva desses sujeitos e os enunciados que eles enunciam 'propositalʼ e 'conscientementeʼ – sob efeito da "subordinação-assujeitamento [que] se realiza [...] *sob a forma da autonomia*".[118] Outros achados, inclusive, apontam para a mesma direção uma vez que se avança à interrogação da estrutura de nominalização da língua. Toma-se a palavra *attraction* como exemplo:

JUS 13 he's like well but- but tell her that you have same-sex **attraction** or same gender attraction / not that you're gay	JUS 13 (tradução livre) ele está tipo bem mas- mas diga a ela que você tem **atração** pelo mesmo sexo ou atração pelo mesmo gênero / não que você é gay
KEV 20 that's the conclusion i've come to in that god isn't against / same-sex **attractions** / you know as long as they are / again monogamous	KEV 20 (tradução livre) essa é a conclusão a que cheguei, que deus não é contra / as **atrações** pelo mesmo sexo / sabe desde que sejam / novamente monogâmicas
LAR 5 &and *yeah* so they- they attribute / you know they attribute to your core wounds a disease which they call \ homosexuality or unwanted same-sex **attraction**	LAR 5 (tradução livre) e *eh* então eles- eles atribuem / sabe eles atribuem aos seus ferimentos profundos uma doença que eles chamam de \ homossexualidade ou **atração** pelo mesmo sexo indesejada
MAT 10 on xanga for people with same-sex **attraction** \ so i started getting involved online and like talking to other people	MAT 10 (tradução livre) no xanga para pessoas com **atração** pelo mesmo sexo \ então eu comecei a me envolver online e a falar com outras pessoas
NAT 12 your bishop told me your situation and how you deal with same-sex **attraction** (.) gave me a little bit of his backstory	NAT 12 seu bispo me contou sobre sua situação e como você lida com a **atração** pelo mesmo sexo (.) ele me deu um pouco de sua história

As ocorrências da nominalização *attraction* no *corpus* analisado são, sem dúvida, surpreendentes, dado seu caráter difuso e recorrente no interior dos relatos examinados. Inicialmente, compete registrar que *attraction* surge como substantivo nominalizado, derivado do verbo *to attract*. Nesse contexto, aproxima-se do modelo que N. Marignier identificou e analisou no seu estudo do discurso médico, permitindo, inclusive, designar a essa estrutura de nominalização protoenunciados como: '*i am attracted to the same sex*' [eu sou atraído pelo mesmo sexo] ou '*the same sex attracts me*' [o mesmo sexo me atrai],

[117] Outros exemplos no *corpus* avançam na mesma direção: "(JUS 12 – 110) there's shenanigans going on **that you're not supposed to do** / while you're attending this group therapy"; "(NAT 40 – 428) and it's all because i was (*se racle la gorge*) raised by a religion **that doesn't accept it**"; "(JUS 13 – 186) you just don't have the male bonding **that you needed** growing up".

[118] Pêcheux, *Les vérités de la Palice*, p. 147, tradução nossa.

nas vozes passiva e ativa, respectivamente. Essa nominalização interessa na medida em que ela "dissimula e mascara o fato de que, em última instância, uma atração pressupõe que alguém realmente está '*attracted*'";[119] em outras palavras, o sujeito do verbo nominalizado é apagado e, como consequência, elimina-se da estrutura linguística a própria instância que sente uma atração pelo mesmo sexo, criando um efeito de que "as coisas se realizam por si mesmas, são executadas sem agentes, correspondem à ordem das coisas".[120] Opera-se, portanto, um recorte entre o sujeito do desejo e o seu próprio desejo, como se fossem instâncias dissociáveis e independentes.

Um tal efeito de sentido com relação à atração pelo mesmo sexo pode ser confrontado às análises das orações adjetivas: é justamente ao se criar, no interior do interdiscurso, um efeito de cisão entre o sujeito e seu próprio desejo que se torna possível tomar esse último por objeto discursivo e conferir-lhe um estatuto de desvio religioso e de comportamento pecaminoso. Se o sujeito fosse 'ontologicamente' afetado por uma atração pelo mesmo sexo, o discurso religioso de cura e de salvação perderia seu efeito, pois a cura e a salvação são, por definição, efeitos de um retorno à condição anterior de plenitude e não degradação. Para mais, avançar na leitura das nominalizações faz emergir outros exemplos em que a instância do sujeito sofre de um mesmo apagamento:

LAR 53 – 530 *yeah* it's- it's so heavy especially when you've had **trauma** i've had (.) sexual abuse and stuff like that	LAR 53 – 530 (tradução livre) *eh* é- é tão pesado especialmente quando você teve **trauma** eu tive (.) abuso sexual e coisas assim
JUS 15 - 227 and so they had a discussion at the group therapy about (.) **trauma** childhood **trauma** and stuff	JUS 15 – 227 (tradução livre) e então eles tiveram uma discussão na terapia em grupo sobre (.) **trauma trauma** de infância e coisa

Entre outros, esses exemplos foram selecionados justamente pelo efeito de apagamento das instâncias de sujeito e de complemento do verbo no procedimento de nominalização. O que interessa, entretanto, é o fato de que, nessa conversão gramatical – como no caso do verbo *to abuse*, que se transforma no substantivo nominalizado *abuse* –, o sujeito e o complemento do verbo não são efetivamente eliminados. Pelo contrário, figuram no espaço interdiscursivo como pseudo-anáforas (P. Sériot), o que permite identificar tanto um referente que não parece "*nunca ter sido sustentado pelo sujeito da enunciação*"[121] quanto o fato de que "o não-dito neste caso é o nunca-dito, o nunca assumido, o indizível".[122]

3.3 Estudo de modalizações autonímicas

Avançar ao estudo das 'modalizações autonímicas' neste *corpus* implica temporariamente abandonar a camada do pré-construído e do assujeitamento ao interdiscurso para adentrar a dimensão meta-enunciativa do texto, visando a examinar a

[119] Bibiano, *Mise en mots d'une intervention thérapeutique et idéologique,* pp. 172-173, tradução nossa.
[120] Marignier, *Les matérialités discursives du sexe*, p. 199, tradução nossa.
[121] Sériot, *Langue russe et discours politique soviétique*, p. 31, tradução nossa.
[122] Sériot, *Langue russe et discours politique soviétique*, p. 31, tradução nossa.

forma como sujeitos executam um sistema linguístico afetado pelos seus exteriores histórico-discursivos. Para iniciar, considerem-se os seguintes exemplos:

KEV 11 – 225 and \ the people that are willing to meet you **(*2 sec*) i hate to say it like this because it's such a christian thing to say** \ not that i'm not christian but **it's such a churchy thing to say** people that are there to meet you in your mess (*2 sec*) \ you know	KEV 11 – 225 (tradução livre) e \ as pessoas que estão dispostas a te encontrar (2 *sec*) **eu odeio dizer isso assim porque é tão uma coisa cristã de se dizer** \ não que eu não seja cristão mas **é tão uma coisa de igreja de se dizer** pessoas que estão lá para te encontrar na sua bagunça (2 *sec*) \ sabe
KEV 8 - 212 so *yeah* i- i felt \ at the time i felt it was easy (2 *sec*) to (2 *sec*) **i hate to say it like** this i felt it was easy to be straight (*petit rire*)	KEV 8 – 212 (tradução livre) então *eh* eu- eu senti \ na época eu senti que era fácil (2 *sec*) de (2 *sec*) **eu odeio dizer dessa forma** eu senti que era fácil ser hétero (*petit rire*)

As duas ocorrências em questão revelam a presença de *não-coincidências entre as palavras e as coisas*. A primeira oferece um caso intrigante: a meta-enunciação desvelada em '*(2 sec) i hate to say it like this because it's such a christian thing to say*' configura um caso de "dizer em que a palavra certa faz falta",[123] no qual "as predicações negativas explicitando o fracasso do dizer, podem questionar explicitamente [...] a falha do enunciador em utilizar os recursos da língua".[124] Entretanto, a presença da palavra '*christian'* em *'it's such a christian thing to say'* leva Kevin a se retificar ('*not that i'm not a christian*') e desencadeia uma segunda modalização do dizer : '*it's such a churchy thing to say*', revelando o jogo de *não-coincidências* fundamentais entre as palavras do dizer e as coisas elas nominam. Quanto ao segundo exemplo, o gesto de *não-coincidência* segue um movimento distinto, "cumulando o sim e o não, realizada através de uma negação do dizer (o que, em si, versaria a representação do lado da não-coincidência), mas acompanhada de um comentário indo em sentido inverso, até 'quase' anular a negação".[125] Frente a um entrave em termos de nominação, o enunciador se desdobra do fio de sua própria enunciação para indicar que, entre a palavra e a coisa, a nominação cumula o sim e o não, isto é, "*eu não digo X, mas quase*".[126]

Nessa mesma dinâmica, apresentam-se os seguintes exemplos:

JUS 15 - 252 it's just this piecing together random memories and trying to build this narrative that satisfied **this- this *euh*** psychological idea that they had **bound by / church social science** that molested kids end up gay so \ suddenly i was put into that boat and they ran with it	JUS 15 - 252 (tradução livre) é só essa junção de memórias aleatórias e tentando construir essa narrativa que satisfez **essa- essa *euh*** ideia psicológica que eles tinham **ligada a / ciência social da igreja** que crianças molestadas acabam gays então \ de repente eu fui colocado nesse barco e eles seguiram com isso
MAT 15 - 350 (.) i related to a lot of the theories that they were putting out about why you might be broken (.) *yeah* it really did make sense to me **logically i mean as logical as that can be *euh***	MAT 15 - 350 (tradução livre) (.) eu identifiquei com muitas das teorias que eles estavam apresentando sobre porque você pode estar quebrado (.) *eh* isso realmente fazia sentido para mim logicamente **quer dizer tão lógico quanto isso pode ser *euh***

[123] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 639, tradução nossa.
[124] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 640, tradução nossa.
[125] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 604, tradução nossa.
[126] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 603, tradução nossa.

Nestes dois exemplos, está-se frente a duas ocorrências explícitas de *não-coincidências entre as palavras e as coisas*, nas quais é afirmada a falha do processo de nominação. No caso de Justin, vê-se um fato de meta-enunciação, marcado pela hesitação expressa na repetição e na interjeição '*this- this euh*', no qual é colocada em causa a relação entre o termo '*psychological idea*' e o referente que se nomina. Nessa esteira, observa-se um comentário reflexivo – '*that they had bound by / church social science*' – em um movimento de "retorno ao 'quadro referencial' do referente *i*: X é colocado em questão não como nomeação de um referente explicitamente descrito, mas como nomeação de um referente explicitamente relacionado a outro referente",[127] sendo, inclusive, na mudança de entonação – marcada pela barra '/' – que se encontra reforçado esse defeito da nominação. Já na fala de Matt, ilustra-se um movimento similar: frente ao emprego da palavra '*logically*' em '*really did make sense to me logically*', o enunciador se desdobra no fio da enunciação, em um gesto "dizendo o 'excesso' da palavra":[128] '*i mean as logical as that can be*'.

Os próximos exemplos se referem à *não-coincidência das palavras consigo mesmas*, isto é, uma não-coincidência "atravessada por outros significados, outros significantes, é o um da associação, no dizer de uma unidade, de um significante e um significado, cujo 'vai de si' [*qui va de soi*] se encontra suspenso com a transparência da enunciação".[129]

KEV 8 – 197 as long as i (1 *sec*) stayed faithful with god and read my bible and prayed (.) as i should that i could (***geste des guillemets avec les doigts***) **manage** (2 *sec*) the homosexual urges (.)	KEV 8 – 197 (tradução livre) desde que eu (1 *sec*) permanecesse fiel a deus e lesse minha bíblia e orasse (.) como deveria que eu poderia (***gesto das aspas com os dedos***) **controlar** (2 *sec*) os impulsos homossexuais (.)
JOE 31 – 499 &ended up having to help him recover from **the hor- the trauma** that the therapy did itself /&	JOE 31 – 499 (tradução livre) &acabou tendo que o ajudar a se recuperar **do hor- do trauma** que a terapia em si fez /&

Extraído do relato de Kevin, o primeiro exemplo se vale do uso das aspas, em particular de um caso de aspas realizadas com os dedos. Esse gesto multissemiótico faz parte de uma gama de "sinais [...] abrindo todas as possibilidades de interpretação de reação ao 'a mais' assim colocado em questão em X",[130] que indicam a potencialidade de se obter um "outro sentido [...] associado a um significante estável".[131] Nesse caso preciso, é a transparência entre o significante e o significado que se rompe, permitindo inferir, em vez da literalidade, um outro sentido à palavra '*manage*'. O segundo exemplo, por sua vez, coloca em evidência "um acoplamento X-Y tal que Y, dado como substituto de X (X, *ou melhor*, Y; X, *quero dizer* Y) não se opõe, na verdade, no não-um de X, exceto ao fazer jogar, em um dos sentidos de X que aparece em excesso na intenção do enunciador, associando-se ao contrário a outro sentido, implicitamente mantido".[132] Nesse contexto, pode-se identificar uma dupla X-Y no enunciado de Larry: "*hor*-[*or*] – *trauma*", cujo

[127] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 660, tradução nossa.
[128] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 667, tradução nossa
[129] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 713, tradução nossa.
[130] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 794, tradução nossa.
[131] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 794, tradução nossa.
[132] Authier-Revuz, *Ces mots qui ne vont pas de soi*, p. 749, tradução nossa.

funcionamento revela que "um dos sentidos do não-um da palavra '*hor*-[*or*]' parece excessivo aos olhos do enunciador, enquanto a palavra 'trauma' intervém precisamente para reter o sentido do primeiro termo que deve ser mantido".[133]

Nessa mesma linha de ocorrência (X-Y), há outro exemplo pertinente.

NAT 11 – 139 and there's this gentleman that was **gay- was same-sex attracted**	NAT 11 – 139 (tradução livre) e há esse senhor que era **gay- era atraído pelo mesmo sexo**

A tensão no processo de nominação, no qual a palavra *gay*, na pluralidade de eventuais relações entre significante e significado(s), passa a ser objeto de uma retificação, permitindo que a expressão *same-sex attracted* intervenha a título de indicação do sentido que deve ser conservado da palavra *gay*. No entanto, é preciso discutir um segundo exemplo colocando em jogo esse mesmo par de termos, cuja pertinência deve ser indicada:

NAT 6 - 103 there's this gentleman who used to be gay himself and was able to work through that **well** he said same-sex attracted **i just don't like using that (.)**	NAT 6 – 103 (tradução livre) tem esse cavalheiro que costumava ser gay ele mesmo e conseguiu superar isso **bem** ele disse atraído pelo mesmo sexo **eu só não gosto de usar isso (.)**

Nesta segunda ocorrência do par '*gay*'/'*same-sex attracted*', não se está mais frente a um caso de *não-coincidência da palavra consigo mesmo*, mas de uma *não-coincidência do discurso consigo mesmo*, na qual o interesse tomba sob os meios pelos quais as palavras de outrem emergem dialogicamente no fio do discurso de um sujeito – garantido pelo *moi-imaginário*. Nesta fala, vê-se que Nate, "após usar a palavra 'gay', volta sobre seu dizer e se corrige, afirmando que o qualificativo usado por seu interlocutor era '*same-sex attracted*'. Assim, a modalização autonímica ocorre quando ele retoma esse termo e revela sua opacidade como signo linguístico",[134] em um movimento de sobreelevação revelado por meio do enunciado '*i just don't like using that*'. Trata-se, em última análise, de um sujeito que se desvencilha de uma nominação que, apesar de vinda de outrem, tenta se passar como natural ou apropriada para ele. No caso desse exemplo, sua importância será revelada mais adiante.

3.4 Balanço dos resultados

No fio deste percurso tecido entre a AD de M. Pêcheux e a linguística enunciativa de J. Authier-Revuz, buscou-se teorizar e efetivar uma análise não-subjetivista da subjetividade. A abordagem situou-se em dois planos distintos: de um lado, há inassertados que, emergindo por meio "das formas de língua pertencentes à gama linguística do pré-construído",[135] atestam a presença do interdiscurso nos relatos desses cinco sujeitos que vivenciaram terapias de conversão; de outro lado, há retornos reflexivos, que atestaram, na camada enunciativa do texto, o movimento desses mesmos

[133] Bibiano, *Mise en mots d'une intervention thérapeutique et idéologique,* p. 197, tradução nossa.
[134] Bibiano, *Mise en mots d'une intervention thérapeutique et idéologique*, p. 188, tradução nossa.
[135] Dumoulin, *Les théorisations du discours de Michel Pêcheux et Michel Foucault*, p. 446, tradução nossa.

sujeitos, que tentaram lidar com nominações e palavras que, sob um regime de evidência e naturalidade, 'não vão de si'. Desse percurso analítico, extrai-se como principal constatação o reconhecimento de que o sentido desvelado pelo estudo dos pré-construídos reenvia a um mesmo dispositivo de assujeitamento histórico-ideológico, o qual não foi refutado pelos sujeitos na camada enunciativa do texto. Em outras palavras, verificaram-se vestígios da existência de uma mesma rede interdiscursiva inconsciente que afeta a subjetividade desses sujeitos e que continua cravada em seus discursos mesmo após eles recusarem e se afastarem das terapias de reorientação sexual.

É pertinente, nessa seara, detalhar os resultados encontrados neste estudo. Em primeiro lugar, no que toca precisamente ao exame de pré-construídos, verificaram-se os principais pontos de ancoragem do discurso sobre as terapias de reorientação sexual: "(1) uma suposta cientificidade na abordagem das terapias de conversão, afetada por (2) uma forte e persistente ancoragem religiosa, cujo principal efeito era gerar (3) uma separação entre a atração pelo mesmo sexo e o sujeito de onde emana esse desejo".[136] Tais conclusões, por sua vez, não emergem de um estudo psicologista do texto, mas derivam efetivamente de um conjunto de inassertados que emanam dos enunciados presentes nos relatos e que apontam para uma cisão entre o sujeito do desejo e o seu próprio desejo. Aliás, é como objeto do discurso, dado ao sujeito por meio do seu assujeitamento ao interdiscurso, que se confere ao desejo pelo mesmo sexo um estatuto de impureza e de tabu, distinguindo-o de outros comportamentos julgados como inapropriados pelo aparelho ideológico religioso.

Em segundo lugar, encontra-se o reconhecimento de que esse processo de assujeitamento ao interdiscurso não é perfeito, trata-se, na verdade, de uma interpelação defeituosa, falha e lassa, por vezes apenas tateando seu alvo. Esse último ponto, aliás, pôde ser exemplificado no último excerto citado do relato de Nate: tratando-se de uma *não-coincidência do discurso consigo mesmo*, assiste-se não a um sujeito que espontaneamente recusa a significação ideológica de um pré-construído nominalizado (*same-sex attracted*), mas a um momento em que a interpelação é estremecida, tensionada, em que esse próprio sujeito – desagenciado do seu próprio desejo na estrutura de nominalização – reage à estranheza desse 'algo' de sentido vindo de alhures. É possível dizer que esse movimento, apesar de involuntário e aéreo ao controle do sujeito, emerge como efeito contraditório do assujeitamento à linguagem e ao simbólico, ou como formularia J. Lacan:

> o que essa estrutura da cadeia significante revela é a possibilidade que tenho, justamente na medida em que minha língua é comum a outros sujeitos, ou seja, onde essa língua existe, de usá-la para significar algo completamente diferente do que ela diz. Uma função mais digna de ser destacada na fala do que a de disfarçar o pensamento (na maioria das vezes indefinível) do sujeito: a saber, a de indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade.[137]

Ou ainda:

> assim, a inversão goethiana de sua presença nas origens: 'no começo estava a ação', se inverte por sua vez: foi de fato o verbo que estava no começo, e vivemos em sua

[136] Bibiano, *Mise en mots d'une intervention thérapeutique et idéologique*, pp. 200-201, tradução nossa.
[137] Lacan, *L'instance de la lettre dans l'inconscient*, p. 505, tradução nossa.

> criação, mas é a ação de nosso espírito que continua essa criação, renovando-a sempre. E não podemos nos voltar sobre essa ação senão nos deixando empurrar cada vez mais adiante por ela.[138]

Da mesma forma que o sujeito é ontológica e simbolicamente castrado, sendo fadado a existir em meio a sistemas de símbolos que o antecedem, estar na linguagem implica constantemente efetuar operações linguageiras inéditas. É no interior desse espaço dialético e contraditório que se enquadra a presente proposta de análise não-subjetivista da subjetividade: partindo do *a priori* que se articula a partir do exame do pré-construído, encontra-se, em um primeiro momento, a ancoragem dos sujeitos a dispositivos sócio-históricos que lhes munem de evidências da sua subjetividade – que raramente são questionadas. Em um segundo momento, esse estudo se choca às ocorrências de formas de modalização autonímica, que põem à vista o movimento enunciativo desses mesmos sujeitos de colocar os dizeres que lhes são dados em mediação, desencadeando significações e sentidos que até então eram inéditos. No caso do *corpus* analisado, há uma ancoragem subjetiva similar no discurso dos cinco sujeitos, porém cada um deles se confronta ao discurso de outrem por meio de enunciações singulares.

No bojo desta proposta de análise não-subjetivista da subjetividade, o conjunto de formas que compõe a gramática das *não-coincidências do dizer* se inocula ao dispositivo teórico na condição de corolário positivo do pré-construído. Isto é, àquele saber que se infere em negativo através da estrutura sintática da língua, confronta-se o positivo que surge *a posteriori* por meio da interpretação das formas meta-enunciativas. Esse gesto teórico, por sua vez, visa tanto a apreender não-subjetivamente os rastros do caminhar de um sujeito condenado a viver na linguagem e a repetir significados oriundos do interdiscurso, quanto a vislumbrar o movimento enunciativo que coloca esse mesmo sujeito no centro de um processo incessante e contraditório, no qual, ao espichar significações *sempre-já-lá*, abre-se "o discurso à sua exterioridade interna, a nominação à sua perda relativa à coisa, a cadeia ao excesso de sua 'significação', a comunicação à lacuna intersubjetiva – nas quais, longe da fixidez do signo, se faz o sentido".[139] Em outras palavras, é na enunciação do sempre-já-sabido que o não-sabido faz ruptura e emerge.

5. Conclusão

Neste trabalho, propôs-se e explorou-se a possibilidade de realizar uma análise não-subjetivista da subjetividade, examinando a arquitetura que posiciona o sujeito e o dizer à luz de duas teorias distintas: a AD de M. Pêcheux e a linguística enunciativa de J. Authier-Revuz. A escolha dessas duas teorias não é aleatória; pelo contrário, trata-se de uma opção teórico-metodológica visando a rejeitar psicologismos e subjetivismos por meio da adoção de procedimentos analíticos calcados nas formas da língua, ou seja, de colocar no centro da análise a contraditoriedade do sujeito ontologicamente dividido. Nesse contexto, o discurso de indivíduos que vivenciaram uma terapia de reorientação sexual revela, por um lado, ser permeado de pré-construídos que remetem à dissociação

[138] Lacan, *Fonction et champ de la parole et du langage*, p. 271, tradução nossa.
[139] Authier-Revuz, *La strate méta-énonciative, lieu d'inscription du sujet dans son dire,* p. 99, tradução nossa.

entre o sujeito do desejo e o desejo em si. Por outro lado, esse mesmo discurso não pode se exercer senão negociando constantemente novos sentidos, que, em decorrência, recusam e afirmam nominações que, inegavelmente, 'não vão de si'.

É nesta nota que se encerra este artigo, anuindo à afirmação de que a língua e a linguagem em que o sujeito está imerso são espaços multifacetados. Assim, lançar-se "na busca da verdade" (J. Lacan) implica, por definição, colocar em movimento significações e sentidos que atestam anterioridade e que, até então, tinham algo a dizer do sujeito. Porém, é igualmente impossível ativar essas figuras sem desencadear novas associações, sem provocar confrontos com o inédito, com o não-sabido e com o não-vivido. Desse processo, não emerge um sujeito com estatuto de proprietário do sentido e do dizer, cuja autonomia o isentaria de prestar contas à linguagem, que é o próprio tecido que, em última ordem, o constitui. Em vez disso, depara-se com os "'grãos', asperezas, irregularidades, cicatrizes sob a pele, [com a] superfície do dizer como uma manifestação privilegiada"[140] de um sujeito que, das bordas das suas capacidades ontológicas, é ponto de desencadeamento de novos enlaces significativos. Não é de modo algum um gesto de emancipação ou de transcendência, mas um efeito do próprio potencial criativo da condição humana de linguagem.

[140] Authier-Revuz, *La strate méta-énonciative, lieu d'inscription du sujet dans son dire,* p. 99, tradução nossa.

Referências

ACIMAN, André. *Variações enigma*. Trad. Alessandra Esteche. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

ALTHUSSER, Louis. Idéologie et appareils idéologiques d'État. (Notes pour une recherche). *In*: ALTHUSSER, Louis. *Sur la reproduction*. Paris: Presses Universitaires de France, pp. 263-306, [1970] 1995.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Ces mots qui ne vont pas de soi*. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire. Paris: Larousse, 1995. t. I et II.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive : éléments pour une approche de l 'autre dans le discours. *Documentation et Recherche en Linguistique Allemande Contemporain*, Vincennes, n. 26, pp. 91-151, 1982.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *La représentation du discours autre* : principes pour une description. Berlin/Boston: De Gruyer, 2020. v. 5.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. La strate méta-énonciative, lieu d'inscription du sujet dans son dire : enjeux théoriques et descriptifs d'une approche littérale. L'exemple des modalités irréalisantes du dire. *Marges linguistiques*, n. 7, pp. 85-99, 2004.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Les non-coïncidences du dire et leur représentation méta-énonciative. Etude linguistique et discursive de la modalisation autonymique. *Lingvisticæ Investigationes Investigationes*, v. 17, n. 1, pp. 239-252, 1993.

BAKHTINE, Mikhaïl. *Esthétique et théorie du roman*. Trad. du russe par Daria Olivier. Paris: Gallimard, 1976.

BENVENISTE, Émile. Sémiologie de la langue. *In*: BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris: Gallimard, pp. 67-78, [1969] 1974.

BIBIANO, Ricardo. *Mise en mots d'une intervention thérapeutique et idéologique : de l'analyse discursive des récits de thérapie de réorientation sexuelle à une réflexion sur le sujet en analyse du discours*. Dissertação de mestrado, Université de Franche-Comté, 2024. v. I e II.

BRES, Jacques; ROSIER, Laurence. Réfractions : polyphonie et dialogisme, deux exemples de reconfigurations théoriques dans les sciences du langage francophones. *Slavica Occitania*, v. 25, n. 25, pp. 238-251, 2008.

CAN god change sexual orientation? A conversation with a gay christian. Mad Christianity. 2022. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1yk7Ly8JF8g&t=1043s. Acesso em: 19 abr. 2024.

COURTINE, Jean-Jacques. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, 15e année, n. 62, pp. 19-32, 1981.

DUMOULIN, Hugo. *Les théorisations du discours de Michel Pêcheux et Michel Foucault à la lumière du concept d'énonciation*. Philosophie. Paris: Université de Nanterre, 2022.

FAUCHER, Jean Marc; JEAN, Thierry. Entretien avec Jacqueline Authier-Revuz. *Journal français de psychiatrie*, v. 46, n. 2, pp. 87-100, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.3917/jfp.046.0087. Acesso em: 04 out. 2024.

FUCHS, Catherine; PÊCHEUX, Michel. Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours. *Langages*, nº 37, pp. 81-98, 1975.

GILLOT, Pascale. *Althusser et la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.

GILLOT, Pascale. Pour une théorie non subjectiviste de la subjectivité : Jacques Lacan relu par Michel Pêcheux. *Savoirs et clinique*, v. 2013/1, n. 16, pp. 36-46, 2013.

GOING through conversion therapy as a gay man. Jimmy Rex. [vídeo]. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sTGVuZu_3tk&t=64s. Acesso em: 19 abr. 2024.

GUILHAUMOU, Jacques. Où va l'analyse de discours ? Autour de la notion de formation discursive. *Revue Texto*, n. 2, 2004.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX Michel. La sémantique et la coupure saussurienne : langue, langage, discours. *Langages*, n. 24, pp. 93-106, 1971.

HARTMANN, Fernando. L'imaginaire, c'est le sens. Quelques remarques sur la théorie de Jacqueline Authier-Revuz. *La Revue Lacanienne*, v. 3, n. 11, pp. 181-186, 2011.

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita*: língua, sujeito e discurso. Trad. Maria Fausta Pereira de Castro. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.

HENRY, Paul. Constructions relatives et articulations discursives. *Langages*, nº 37, pp. 81-98, 1975.

HENRY, Paul. *Le mauvais outil*. Paris: Klinsieck, 1977.

LACAN, Jacques. Fonction et champ de la parole et du langage. *In*: LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, pp. 237-322, [1953] 1966.

LACAN, Jacques. L'instance de la lettre dans l'inconscient. *In*: LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, pp. 493-530, [1957] 1966.

LACAN, Jacques. Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. *In*: LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, pp. 793-828, [1960] 1966.

LEGRAND, Stéphane; SIBERTIN-BLANC, Guillaume. Introduction générale: vers le matérialisme. *Groupe de Recherches Matérialiste*, Paris, 2007.

MACHEREY, Pierre. Idéologie: le mot, l'idée, la chose (11). Langue, discours, idéologie, sujet, sens : de Thomas Hebert à Michel Pêcheux. *Groupe d'études « La philosophie au Sens Large »*, 2007.

MALDIDIER, Denise. *L'inquiétude du discours*. Paris: Ed. des Cendres, 1990.

MAN describes what conversion therapy is like. Jordan Chavez. 9NEWS. 2019. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SjmVVg0UwCE&t=422s. Acesso em: 19 abr. 2024.

MARIGNIER, Noémie. *Les matérialités discursives du sexe*. La construction et la déstabilisation des évidences du genre dans les discours sur les sexes atypiques. 2016. Thèse (Doctorat en sciences du langage) - Université Paris 13 Sorbonne, Paris, 2016.

MILNER, Jean-Claude. *L'amour de la langue*. Paris: Seuil, 1978.

PAVEAU, Marie-Anne. Discours et matérialisme. Quelques points d'articulation entre la pensée althussérienne et l'analyse du discours dite "française". *Groupe de Recherches Matérialiste*, Paris, 2007.

PAVEAU, Marie-Anne. L'éthique des paradigmes : Mémoire et démémoire scientifique. La rhétorique de la critique dans le discours universitaire. *Conflits, Polémiques, Controverses*, Varsovie, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Effets discursifs liés au fonctionnement des relatives en français. *In*: MALDIDIER, Dénise. *L'inquiétude du discours*. Paris: Ed. des Cendres, pp. 273-280, [1979] 1990b.

PÊCHEUX, Michel. Il n'y a de cause que de ce qui cloche. *In*: MALDIDIER, Dénise. *L'inquiétude du discours*. Paris: Ed. des Cendres, pp. 261-272, [1978] 1990a.

PÊCHEUX, Michel. Lecture et mémoire : projet de recherche. *In*: MALDIDIER, Dénise. *L'inquiétude du discours*. Paris: Ed. des Cendres, pp. 285-293, [1983] 1990c.

PÊCHEUX, Michel. *Les vérités de La Palice*: linguistique, sémantique, philosophie. Paris: F. Maspero, 1975.

RICŒUR, Paul. Existence et herméneutique. *In*: RICŒUR, Paul. *Le conflit des interprétations*. Essais d'herméneutique. Paris: Seuil, pp. 23-50, [1965] 1969.

SAUSSURE, Ferdinand (ed.). *Cours de linguistique générale*. Genebra: Arbre d'or, [1916] 2015.

SÉRIOT, Patrick. Langue russe et discours politique soviétique : analyse des nominalisations. *Langages*, 21e année, n. 81, pp. 11-41, 1986.

SITRI, Frédérique. 'Genre de discours' et/ou 'formation discursive' : quelle articulation ?. *In*: *Congrès mondial de linguistique française* - CMFL, Orléans, 2022.

SITRI, Frédérique. *Enjeux d'une approche matérialiste du langage en analyse du discours*. 2025. No prelo.

SITRI, Frédérique. Interdiscours et construction de l'objet de discours. *Linx*, n. 8, 1996.

SITRI, Frédérique. *Parcours en analyse du discours* : enjeux et méthode. Autour d'écrits professionnels. Linguistique. Université Sorbonne nouvelle-Paris3. ⟨tel-01660298⟩, 2015.

SMART Sex, Smart Love – L.A. Jamison on reparative therapy – Sexual conversion attempts. Joe Kort. Dr. Joe Kort. 2020. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Sol3ZZbkZiQ&t=3s. Acesso em: 19 abr. 2024.

SURVIVING LDS electroshock conversion therapy - Nate Winterton. John Dehlin. Understanding Mormonism with Dr. John Dehlin, 2022. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=V6YMsxnan8s&t=663s. Acesso em: 19 abr. 2024.

SOBRE O AUTOR

Ricardo Bibiano
Doutorando em *Sciences du langage* na Université Paris-Est Créteil e na Université Paris Nanterre, associado aos laboratórios Céditec e MoDyCo, bem como à EUR FRAPP. Suas pesquisas recentes investigam relatos de terapias de conversão e as relações entre sexualidade e discurso. *E-mail*: ricardobibiano5@gmail.com.